

# Minas-Rio: uma aproximação entre Drummond e Ana C. Edilene Gasparini Fernandes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Centro Universitário do Norte Paulista (UNORP)

[www.unorp.br/](http://www.unorp.br/) [revistaunorp@unorp.com.br](mailto:revistaunorp@unorp.com.br)

**Abstract:** *This paper aims to establish parallels between Carlos Drummond de Andrade and Ana Cristina Cesar's poetries through the Freudian concept of melancholia. Considering that both productions were elaborated during repressive and political moments stressed by the popular non satisfaction with the regime, we present some trauma characteristics found in both works which are related to the losses in the Freudian sense.*

**Key-words:** *Carlos Drummond de Andrade; Ana Cristina César; melancholia; loss; politics.*

**Resumo:** *Esse artigo busca traçar um paralelo entre a poesia drummondiana e a poesia de Ana Cristina César pelo viés do conceito freudiano de melancolia. Considerando-se que ambas as produções foram elaboradas durante períodos políticos de repressão e de insatisfação popular com o regime, apresentamos algumas características de trauma que são comuns às duas produções, as quais estão relacionadas à perda no sentido freudiano.*

**Palavras-chave:** *Carlos Drummond de Andrade; Ana Cristina César; melancolia; perda; política.*

Drummond e Ana C. não são contemporâneos. *Rosa do povo* foi publicado em 1945. A primeira edição de *A teus pés* é de 1982. O livro de Drummond surge como contradiscurso pelo viés fragmentário, dentro de uma época marcada pelo discurso político autoritário que se queria hegemônico, pelas idéias ufanistas e mitos fundadores (Ginzburg, 2002, p.145). Em relação à época de publicação de *A teus pés*, a década de 80 marca a decadência do regime autoritário no Brasil. O discurso político da era Figueiredo mostrava-se mais ameno nas palavras, mas a repressão continuava implacável. Em 1984 inicia-se o governo de Sarney e a atmosfera, então, era de recessão e desemprego. O militarismo não havia solucionado os problemas brasileiros; além da grave crise econômica interna, havia, ainda, o peso da dívida externa, alimentada durante a “reconstrução brasileira” propagada pelos governos militares. Implodia-se o discurso racional tecnocrático.

A aproximação entre Drummond (*América*) e Ana C. (*Exterior. Dia.*) é uma tentativa de rastrear a relação política que esses autores estabelecem com sua linguagem. Eles se ligam pelo viés da melancolia? Essa expressão melancólica teria alguma relação com o sujeito fragmentário que se lê em ambos? O que muda entre a trajetória dos dois autores?

Seguindo uma linha modernista um tanto despojada estilisticamente, porém de rara qualidade de construção, Drummond afasta-se do que poderia ser considerado

canônico para a época. Fugira do perigo do retorno ao parnasianismo, mas também não se enveredara pelo dogmático, quando do seu passeio por horizontes de Itabira e do mundo todo.

Como síntese espaço-temporal, *América* recolhe as lembranças da infância do eu-lírico como perdas no sentido freudiano em suas constantes referências a sinais de *destruição e de morte* (Ginzburg, 2002, p.144), como na 3ª estrofe do poema (“vento”; “doenças”; “tempo”; “cemitérios”). *América* revela, conjuntamente, uma incompreensão da memória e do tempo<sup>i</sup>. Trata-se de uma concepção de um tempo social ligada a uma consciência individual melancólica sobre um passado perdido, espelho de angústia diante de seu destino (Sant’Anna, 1972, p.95ss.), a qual nunca é tópica. Sua lírica jamais é consequência de um momento. Ela é; em singular e plural.

A abordagem que Drummond realiza do tempo como categoria social e histórica, em *América*, funda-se mais na fratura do que na participação. É uma obra muito mais denunciadora que horizontal, muito mais neo-realista que romântica, pelo próprio discurso de enfrentamento que apresenta para a época.

Em *Exterior. Dia.*, Ana César opõe a sua visão à da história canônica<sup>ii</sup>. O espaço é o exterior, mas a alusão é ao Brasil. A poesia trabalha também com imagens-cliché, porém de uma concisão maior que em Drummond. O que em Drummond são idéias, em Ana C. são palavras soltas, únicas e que podem nos remeter à idéia. Por exemplo, em *Driblo a minha fé e Torça, filho...*, existe uma inferência ao futebol e à fé, em conjunto, como junção de estereótipos culturais brasileiros que, assim alternados, promovem uma reflexão sobre esse casamento. O amor à pátria e à família, a crença, a esperança de um futuro melhor se projetam no futebol como sublimação. E toda a reflexão que essas associações envolvem são apresentadas enquanto palavras soltas ou pedaços de frases intercaladas.

Adorno, em *Palestra sobre lírica e sociedade* (2003, p. 74) afirma que: “a lírica se mostra mais profundamente assegurada, em termos sociais, ali onde não fala conforme o gosto da sociedade, ali onde não comunica nada, mas sim onde o sujeito, alcançando a expressão feliz, chega a uma sintonia com a própria linguagem, seguindo o caminho que ela mesma gostaria de seguir”.

Podemos, por aproximação, avistar em Ana C. um esquecimento do eu, uma submersão do sujeito na linguagem, não como sacrifício dele ao Ser, mas como instante de reconciliação com a própria linguagem. Em *Exterior. Dia.* Ana César se assegura em termos sociais exatamente por dizer não à linguagem do gosto social. Lê-se em *A teus pés* uma insuportabilidade em se ater a algum aspecto do real por muito tempo. Por isso o real é apresentado tão rapidamente, como se fosse um conjunto de flashes de uma máquina.

Seu protesto não se atém apenas ao nível do discurso como denúncia sócio-histórica, mas também ao nível do discurso dissimulador que *revela, mas não comunica*, o que torna a investida do leitor à sua obra uma perspicaz aventura labiríntica. Só entra quem decifra o código. E o código não é o mesmo para nenhuma das produções anteriores a ela.

A velocidade, a pressa, o *rush*, revelam, muito além de um *plano que dispara sensações* (Malufe, 2004, p.29), um *deslocamento da libido* (Freud, 1974, p.37) a fim de afastar o sofrimento por meio da criação, da dança no sentido valeriano,

convulsionada, no entanto, pela dor do real. A linguagem que alimenta *Exterior. Dia.*, não é *senão história*, referência a um mundo histórico que afirma e nega conjuntamente o tempo e a sucessão (Paz, 1976, p.55). No entanto, mesmo negando a história, o poeta não escapa dela. E é de negação da história enquanto narração canônica, enquanto discurso linear, hegemônico, convincente que se faz a poesia de Ana C.<sup>iii</sup>

*América e Exterior. Dia.* têm como pontos em comum uma reflexão melancólica sobre a pátria, ambas como experiências marcadas por perda. Em Drummond existe uma síntese espaço-temporal (Sant'Anna, 1972) que tem como impulso a tristeza pelo tempo e espaço perdidos, ao lado de mensagens-cliché denunciadoras de certo aprisionamento<sup>iv</sup>, alguns estigmas em relação à história passada<sup>v</sup>, à futura<sup>vi</sup> e sua incompreensão e indignação sobre elas, desmontando a visão ideológica sobre a trajetória do próprio continente. A melancolia de *América* está presente na inaceitabilidade do presente, à medida que o eu-lírico, exacerbados seus sentidos, apresenta uma visão mais penetrante e dilacerante da verdade. O enfoque se dá sobre a perda do objeto (“amigos”, “ouro”, a substância do poder) e a idéia de luto se apresenta em passagens como estas: *Inútil chamá-los: o vento, as doenças, o simples tempo/ dispersaram esses velhos amigos em pequenos cemitérios do interior./ O sono dos homens/ após tanto esforço/ tem frio de morte./ Não vás acorda-los se é que estão dormindo.*

E ainda que o luto em *América* seja marcado pela perda do objeto, o que parece caracteriza-lo é sua ambivalência constitucional, a qual se liga a um processo de repressão. Essa ambivalência se faz notar no misto de aversão e amor, de desesperança e entristecido conforto, características próprias ao melancólico<sup>vii</sup>

Quase 40 anos depois de *A Rosa do Povo*, a poesia de Ana C. surge como *colagem cifrada de frases vindas de diversos lugares*, cujas conexões, espaços, saltos entre eles não podem ser vistos como entrelinhas, segundo depoimento da própria autora, mas como o *não-dito* (Malufe, 2004, p.36). Trata-se de atribuir maior liberdade à leitura, que não se dá por meio da representação, da mimese. Não é alegoria, não é símbolo, mas mosaico. Ainda que seja difícil estabelecer o que seja ou não canônico para a época da publicação de *A teus pés*, dada a sua proximidade com o presente, Ana C. inaugura um discurso fragmentário que é inédito pela ousadia da aparente desconexão de vozes e temas.

1945 e 1982 são anos marcados por situações politicamente bastante diferentes. A 2ª guerra imprime em Drummond uma desesperança secular. Em *América* percebe-se mais claramente um enclausuramento do eu diante de tantas experiências de perda, aliadas a uma chorosa insatisfação consigo mesmo. E é pela categoria do tempo que essas características melancólicas revelam cruzar os umbrais da individualidade em Drummond. O início da modernidade, resquícios ainda da virada de século, alia as perspectivas de desenvolvimento à crescente disseminação das doenças e da pobreza, 3º período, segundo Scliar, em que a melancolia se arraiga no mundo como doença ou como estado de espírito (2003, p. 242).

Em Ana C. a atmosfera é hermética, de uma teimosa recusa em expor subjetivismo. É realista, se pensarmos com R. Barthes na dimensão da exploração que ela faz, *servindo-se do mundo como conteúdo*, do irreal como linguagem (1970, p.79). E se a poesia moderna de Ana C. é, até certa forma, irracional, o *sujeito signo da história* nela presente respira uma desesperança sobre qualquer projeto de reconstrução pela

literatura que lhe é anterior. Ana C. “saca” (para usar termo seu) que talvez o *infinitamente rico da literatura será talvez encontrado ao lado da falsa racionalidade da linguagem* (1970, p.80). Sua obra é tão confusa quanto a nossa realidade hoje, historicamente híbrida. E se há certa sintonia entre a poesia de Drummond e de Ana C. pelo viés do contradiscurso, há uma dificuldade muito maior em Ana C. com relação a Drummond em digerir o tempo. Se o futuro era incerto para ele, Ana C. fala de dentro do próprio futuro e ele é exatamente como Drummond previa: desesperador. A melancolia em Ana C. é, portanto, sublimada no trabalho com a linguagem. Ela é artífice consciente do irreal da linguagem, alimentada pela falta de perspectivas político-econômicas ao final da era militar brasileira. *Sonsa com bom senso*.

---

<sup>i</sup> (*Vejo as águas que passam e não as compreendo. Sei apenas que é noite porque me chamam de casa...*)

<sup>ii</sup> (*Trocando minha pura indiscrição pela tua história bem datada.*)

<sup>iii</sup> (*Trocando minha pura indiscrição pela tua história bem datada.*)

<sup>iv</sup> (*Há vozes no rádio...Que solidão!*) (*Estes homens estão silenciosos mas sorriem de tanto sofrimento*)

<sup>v</sup> (*certos homens vão de país em país procurando um metal raro ou distribuindo palavras*)

<sup>vi</sup> (*O sentimento da mata...do espaço e da morte*)

<sup>vii</sup> *Portanto, é possível distribuir minha solidão, torna-la meio de conhecimento./ Portanto, solidão é palavra de amor.*

## Referências

- ACHCAR, F. *A rosa do povo e Claro enigma*. São Paulo: Ática, 1982.
- ADORNO, T.W. *Notas de Literatura I*. Trad. J. de Almeida. São Paulo: Duas cidades/Ed. 34, 2003.
- ALVIM, C. de A. As questões: mulher, biografia e literatura nos escritos em prosa de Ana Cristina César. *Remate de males*. Campinas: Unicamp, n. 20, 2000.
- ANDRADE, C.D. de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ARRIGUCCI, D. *Coração partido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- BARTHES, R. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BOSI, V. Orfeu e o gato: Jorge de Lima e Ana Cristina César, uma trajetória de releitura poética. *Remate de males*. Campinas: Unicamp, n. 20, 2000.
- CESAR, A. C. *A teus pés*. São Paulo: Ática, 2002.
- CHIAPPINI, L. Literatura e história. *Literatura e sociedade*: USP, n. 40, v. 10.
- FRANCHETTI, P. Na beira do andaime (resenha). Disponível em: <http://www.sara.fazib.nom.br/resenha1.htm>
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Trad. C. M. de Freitas. Rio de Janeiro: Delta, 18 v., 19--.

- 
- GINZBURG, J. Drummond e o pensamento autoritário no Brasil. In: *Drummond – poesia e experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- \_\_\_\_\_. Literatura brasileira: autoritarismo, violência, melancolia. *Revista de Letras*. São Paulo: USP, n. 43(1), 2003, p.57-70.
- LAUS, L. *O mistério do homem na obra de Drummond*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro/MEC, 1978.
- MALUFE, A. C. Ana C., a crítica por trás da poesia. *Revista de Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n.62, jan./abr. 2004, p.27-40.
- PAZ, O. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SANT'ANNA, A.R. de. *Drummond, o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Lia Editor, 1972.
- SCHNAIDERMAN. B. Tempo, literatura e história: algumas variações. *Literatura e Sociedade*: USP, n.40, v.10.
- SCLIAR, M. *Saturno nos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.